



Fundação Presidente Antônio Carlos – FUPAC/UBÁ  
Graduação em Psicologia

**TEORIA DAS PULSÕES EM FREUD E A RENÚNCIA DO  
APÓSTOLO PAULO**

*Freud's death drive theory and Paul the Apostle's renouncing*

Uesllainy Ferreira Bruno<sup>1</sup>; Ronaldo Chicre Araújo<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Discente do curso de graduação em Psicologia da Faculdade Presidente Antônio Carlos-FUPAC.

<sup>2</sup>Psicólogo; Bacharel em Psicologia pelo Centro Superior de Juiz de Fora – CES JF; Mestre e Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora; Professor do curso de Psicologia da Fundação Presidente Antônio Carlos-Fupac/Ubá.

**RESUMO**

A religião origina-se do sentimento de abandono que não fica restrita somente ao período da infância, mas se estende ao longo da vida adulta, produzindo uma carência de um pai protetor, o que se projeta em um Deus provedor. A partir da psicanálise de Freud, notou-se a importância da fé para o indivíduo, e que as regras impostas pela religião corroboravam para que fosse possível viver em sociedade. Assim, esta pesquisa teve como objetivo apontar as similaridades existentes entre a teoria de Freud e o que é apresentado pelo apóstolo Paulo na Bíblia Sagrada, analisando a renúncia da satisfação das pulsões. A religião propõe ao sujeito seguir seus mandamentos, o que exige do mesmo a renúncia de suas satisfações. Dentro desta perspectiva, o apóstolo Paulo cita a palavra *concupiscências*, que se relaciona com a sexualidade, desejos que se opõem à instância ordenadora, denominados os 'desejos da carne'. Com isso, Pfister associa a *concupiscência* às pulsões reprimidas, e afirma que vários indivíduos buscam na religião uma proteção das ameaças que as pulsões sexuais e agressivas impõem. No que concerne aos conflitos pulsionais e à vida cristã, a religião é uma força social de grande relevância, mas também é uma fonte de preconceitos sociais, que geram sofrimento. O estudo evidenciou que o indivíduo que decide viver o Evangelho passará por conflito de renúncia de suas pulsões e seus desejos para que se alcance a plenitude de um relacionamento com Cristo.

**Palavras-chave:** Freud. Psicanálise. Pulsões. Apóstolo Paulo. Bíblia.

**ABSTRACT**

*Religion stems from a feeling of abandonment that is not restricted to childhood, but extends throughout adulthood, producing a need for a protective father, which is projected onto a provider, namely God. Freud's psychoanalysis showed the importance of faith for the individual, and that the rules imposed by religion contributed to making it possible to live in society. Thus, the aim of this research was to point out the similarities between Freud's theory and what is presented by Paul the Apostle in the Holy Bible, analyzing the renunciation of the satisfaction of drives Religion proposes that the subject follow its commandments, which requires them to renounce their satisfactions. From this perspective, Paul mentions the word *concupiscence*, which is related to sexuality, desires that oppose the ordering body, known as the 'desires of the flesh'. With this, Pfister associates *concupiscence* with repressed drives, and states that many individuals seek protection in religion from the threats posed by sexual and aggressive drives. With regard to conflicts of drive and the Christian life, religion is a social force of great importance, but it is also a source of social prejudices, which generate suffering. The study showed that the individual who decides to live the Gospel will go through the conflict of renouncing their drives and desires in order to reach the fullness of a relationship with Christ.*

**Keywords:** Freud. Psychoanalysis. Drive. Paul the Apostle. Bible.

**Correspondência:**

Nome: Uesllainy Ferreira Bruno

E-mail: uesllainy.ferreira@gmail.com

## INTRODUÇÃO

A religião origina-se do sentimento de abandono que não fica restrita somente ao período da infância, mas se entende ao longo da vida adulta, produzindo uma carência de um pai protetor, o que se projeta em um Deus provedor. Sendo assim, o homem busca suprir essa ausência no seu próprio ser em Deus, um ser onipotente, onipresente e onisciente. Outro ponto que faz com que essa busca ocorra é a incerteza no que se refere aos rumos de sua vida, em que se percorrem continuamente frustrações e sofrimentos, e a incapacidade de fugir deles. A inabilidade também de prever ou dominar as catástrofes naturais, que é um dos objetivos da civilização: unir os homens para que juntos possam enfrentar e se proteger dos perigos oferecidos pela natureza (Oliveira, 2019).

Com isso, Freud, no decorrer de suas publicações, faz diversos apontamentos sobre a religião, e, em um dos seus textos, afirma que a psicanálise não é contra e nem a favor da religião. A psicanálise é imparcial e permite que tanto o lado religioso quanto o laico se beneficiem dela, desde que o foco e o serviço sejam para a libertação dos sofredores (Negrini, 2017; Veliq, 2018).

Dessa forma, essas realidades ocasionaram os maiores medos e pavores do homem, o que os fizeram buscar por proteção, favores e um sentimento de amor de uma entidade para personificar as forças naturais e também como modo de explicar fenômenos que fogem das suas capacidades de entendimento. Diante a todo desamparo, desejo de justiça e incertezas que estão frequentemente presentes no ser humano, o homem busca na religião essa satisfação, em que as injustiças que sofrem em vida na terra serão compensadas em uma proposta de uma vida eterna (Oliveira, 2019).

Precisaremos assim entender que religião se trata de um conjunto de símbolos, crenças, rituais e tradições que rege um grupo de fiéis nos aspectos espirituais e morais. Geralmente, uma religião tem sua base na crença do sobrenatural, da existência de um poder divino que comanda o destino da humanidade e que deve ser respeitado.

A fé cristã é denominada a crença em um Ser infinito, onipresente, onipotente e onisciente, em Jesus Cristo, crucificado e ressuscitado, o Deus revelado na Bíblia Sagrada. A fé na carta escrita aos Hebreus é denominada como a certeza do recebimento das coisas que se espera e a prova de que existem coisas que não se pode ver. Através da fé compreende-se que o universo foi concebido pela palavra de Deus e que aquilo que pode ser visto foi feito daquilo que não se vê (Hebreus, 11:1-3).<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Carta escrita aos Hebreus, não se sabe de fato quem a redigiu.

Entre os anos de 1909 e 1939, foram escritas cartas entre Freud e Oskar Pfister, um pastor e psicanalista suíço, que se tornou seu amigo. Essas cartas contêm um diálogo enriquecedor e interminável sobre a fé cristã e a Psicanálise. Através dele, Pfister tenta mostrar para Freud uma peculiaridade da religião que foi desconsiderada nos textos de Freud. Pfister afirma em suas conversações que o trabalho de Freud e o seu têm o mesmo enfoque, que é a cura de almas (Negrini, 2017; Veliq, 2018).

Para Pfister, a Psicanálise é um instrumento magnífico que pode ser usado para purificar a fé, e pode colaborar para edificação da religião, sendo que ambos trabalham para aliviar os sofrimentos humanos. A intenção de Pfister nos seus diálogos com Freud é apontar as similaridades em ambas as áreas, abandonando as rixas criadas entre elas, de modo a complementarem uma à outra (Veliq, 2018).

O interesse em aprofundar o estudo nessa temática deu-se a partir de observações em psicanálise, no qual notou-se que, no decorrer de seus escritos, Freud analisou importância da fé para o indivíduo, afirmando que as regras impostas pela religião corroboravam para que fosse possível viver em sociedade. Diante disso, esta pesquisa tem como objetivo apontar as similaridades existentes entre a teoria de Freud e o que é apresentado pelo apóstolo Paulo na Bíblia Sagrada, analisando a renúncia da satisfação das pulsões.

## **DESENVOLVIMENTO**

### **A pulsão em Freud e o sofrimento humano**

Ana O usa uma expressão importante no que tange à psicanálise, “[...] que é a cura pela fala”. Essa técnica, tem como objetivo incentivar os pacientes a falarem livremente. Dessa forma ele começou a observar que a parte consciente da mente humana não alcançava todas as lembranças, estando muitas delas recalçadas no inconsciente. Assim, o tratamento por intermédio da psicanálise seria eficaz somente se existisse a possibilidade de acessar esses pensamentos e traumas localizados no inconsciente (Freud, 1893/1996).

Ainda de acordo com Freud (1909/2013), o inconsciente se expressa através dos sonhos, atos falhos, chistes, sintomas. A partir dessa concepção conseguimos interpretar a assertiva de Freud que teoriza a cura pela fala, que seria tornar consciente o inconsciente. Com base nesse aspecto do inconsciente, formulou os conceitos de id, ego e superego (Freud, 1923/1976a). O id é constituído pelas pulsões: é um reservatório e uma fonte de energia psíquica de ordem inconsciente, interage com as funções do ego e do objeto. O ego se estabelece a partir do id, e atua como mediador entre o id e o mundo externo, possuindo grande influência do mesmo, tendo como função alcançar o controle sobre as condições impostas pelas pulsões. O superego é o órgão psíquico que se desenvolve a partir do ego, é responsável pela repressão, pois atua de forma a censurar as pulsões do id, impedindo que os seus instintos e desejos sejam satisfeitos plenamente (Lima, 2009).

A partir disso, Freud (1915/1974) apresenta o conceito de Trieb, que apresenta grande dificuldade de tradução a partir do alemão. A palavra que mais se aproxima do termo em português é pulsão, sendo responsável pela gênese das forças psíquicas e tendo relação com a condição de tensão, sinalizando a busca por um objeto que sane esse estado. Tal busca se torna o principal alvo da realidade psíquica. Freud (1915/1974) reconhece a pulsão como representante psíquico que age a nível corporal e que atua como algo que se encontra na essência de sua constituição.

Freud (1915/1974) apresenta uma diferenciação sobre as pulsões, à excitação de origem fisiológica convencional, que pode ser suprida em um ato momentâneo e único. Por exemplo, um indivíduo que sente fome, pode tomar a decisão de saciar essa fome, se alimentando. A excitação pulsional é um estímulo sucessivo e ininterrupto e não pode ser saciado por uma ação pontual. Tal estímulo também não atua como uma força que resulta em um impacto momentâneo, mas constante. Nesse sentido, as pulsões são de ordem interna, logo, não há como evitá-las, uma vez que não estão sujeitas a nenhum tipo de filtro, sendo

imune a qualquer ação de fuga. O que aliviará essa necessidade é apenas a satisfação, podendo ser alcançada por uma adequação da fonte interna de estimulação.

Dessa forma, Freud (1915/1974) apresenta a existência de uma linha tênue entre a mente e o corpo baseado no conceito de pulsão, que designa a representação psíquica de excitações que chegam ao corpo.

A pulsão nos aparecerá como sendo um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente, como uma medida de exigência feita à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo (Freud, 1915/1974, p.127).

Em “Ansiedade e vida instintual”, Freud (1933/2006), retoma a teoria das pulsões, que se divide em dois aspectos ambíguos: pulsão de vida e pulsão de morte. Na primeira, é onde se concentram as pulsões sexuais e o estado de auto conservação. Na segunda, a pulsão de morte, pode ser autodestrutiva, ou desloca-se para fora, tornando-se uma pulsão agressiva e/ou destruidora. Desse modo, apresenta uma oposição entre amar e odiar, assim como atração e repulsão, fundamentando a ambivalência sentimental vivida pelo ser humano.

A pulsão de vida é onde se encontram as pulsões sexuais e o estado de auto conservação. As pulsões sexuais são inúmeras e advêm de diversas fontes orgânicas atuando de forma independente umas das outras, e a finalidade de sua luta é o prazer físico. Somente quando a síntese é alcançada é que elas entram a serviço da função reprodutora. As pulsões de auto conservação seguem a procura de um objeto para realização das pulsões sexuais, seguindo os caminhos indicados por ela. Uma parte das pulsões sexuais permanecerá ligada às pulsões de auto conservação, apresentando componentes libidinais. Para Freud (1915/1974), é necessário discernir, conceitualmente, a pulsão alimentar, que se refere a auto conservação, cujo objetivo é a ingestão de alimento, e a pulsão oral, sexual, cujo alvo é o prazer da zona erógena oral. Dessa forma, a pulsão de morte é oposta às pulsões de vida, em que se busca a ausência de um estímulo, impedindo a ação, em que há uma tendência à inércia.

Freud (1915/1974) define quatro destinos das pulsões, a saber, a reversão em seu contrário; o retorno em direção à própria pessoa, o recalque e a sublimação. A reversão em seu contrário possui dois processos distintos, que são: a passagem de uma pulsão da atividade para a passividade e a inversão de conteúdo, a reversão concerne apenas as metas da pulsão. O retorno em direção ao próprio eu concerne à satisfação pulsional, satisfação parcial, que não está situada no objeto, não é o objeto que produz o prazer. O recalque se refere ao processo de

distanciamento das pulsões que são rejeitadas ao acesso à consciência, podendo ser uma exclusão de algum material do campo da consciência. Notadamente, essa função de recalcar determinado material é de incumbência às motivações morais. A sublimação foi introduzida no vocabulário psicanalítico para nomear um evento psíquico que consiste em substituir um objeto sexual, oriundo das pulsões sexuais, para um objeto não sexual, sendo aceitável aos valores e ideias sociais. Verifica-se que a sublimação é sempre carregada de elementos pulsionais, ou seja, é destino pulsional mais perfeito, ou mais aceitável, podendo manter seu teor sexual, modificando a sua finalidade, se desviando para o social.

O sujeito freudiano seria um ser dividido, submerso em um conflito inevitável entre as forças pulsionais, instigado por seus impulsos que, inúmeras vezes, escapam ao seu controle. Caso as leis impostas sejam desobedecidas, é despertado um drama neste sujeito, o sentimento de culpa que precisa ser tranquilizado por meio de repetições ritualísticas em que o objetivo é ordenar novamente tudo que foge ao domínio interno (Oliveira, 2019).

De acordo com Freud, a religião propõe ao sujeito seguir seus mandamentos, o que exige dele a renúncia de suas satisfações, o que de alguma forma também é oferecido para que se possa viver em sociedade. A civilização é a soma de regulamentos que tem dois objetivos: o de proteger o ser humano contra as forças da natureza e o de afinar seus relacionamentos mútuos. A primeira exigência da civilização é a justiça, que seria a garantia de uma lei criada para não ser violada em favor de nenhum indivíduo. E para o estabelecimento desse estatuto legal é necessário que todos contribuam com o sacrifício da satisfação de suas pulsões (Freud, 1915/1974).

### **Apóstolo Paulo e a renúncia na vida**

Ao utilizar a Bíblia de Estudos Plenitude (1991) como base, infere-se que Paulo, nome Hebraico de Saulo (Atos 13:9); nasceu na cidade de Tarso e foi educado como um fariseu (membro de grande valor no judaísmo) havendo sido instruído por um grande chefe da sinagoga Gamaliel (Atos 22:3); apesar de ser judeu, ele era um cidadão romano (Bíblia de Estudo Plenitude, 1991, Atos 22: 27-28).

De acordo com Ferreira (1986), renúncia significa negar, recusar algo ou alguma coisa, podendo ser incluído neste contexto os sinônimos abdicar e abandonar. Para se compreender o nível de renúncia da vida do apóstolo Paulo, faz-se necessário conhecer a sua vida inicialmente. Ele que é o escritor da maior parte dos textos do Novo Testamento Bíblico e considerado o maior evangelista do primeiro século (Lopes, 2007).

Saulo, nascido em Tarso, conhecia profundamente a cultura da época, era observador da lei e mais avançado no judaísmo do que os contemporâneos de sua idade, e o mais zeloso na prática de suas tradições (Gálatas 1:14). Após a morte de Estevão, Saulo nota que os discípulos de Jesus já ultrapassavam cinco mil pessoas, mas como vários outros judeus, Saulo também não acreditava que aquele fosse de fato o Messias. Saulo recebeu autoridade oficial para liderar as perseguições aos cristãos, por este motivo desempenhou um papel importante na perseguição aos cristãos (Atos 8:1-3; 26:10).

Saulo se converte ao cristianismo após uma visão, que ocorre a caminho de Damasco, nessa visão de uma luz incandescente também ouve uma voz em que lhe questiona sobre as perseguições ao povo cristão. Neste momento ele fica cego e se isola durante três dias para dedicar-se a orações. Após um jovem chamado Ananias ir ao seu encontro, ele põe sua mão sobre Saulo, que recobra a visão. Logo depois, impressionado com o ocorrido, recebe o nome de Paulo mediante a uma revelação divina, convertendo-se ao cristianismo (Atos: 9:3-10). Posteriormente, ele faz um retiro no deserto e, ao regressar, realiza inúmeras expedições propagando o Evangelho de Cristo.

A partir desse momento, Paulo renuncia a todos os privilégios de alguém que herdaria a posição de ser um dos príncipes da sinagoga judaica para sofrer os vitupérios daqueles que professavam a fé em Cristo, os cristãos, ‘pequenos Cristos’.

Ainda analisando o contexto histórico bíblico, percebe-se que ele padeceu por haver renunciado a sua vida anterior e adotado novo estilo de vida e de perspectiva: foi expulso de Antióquia (Atos 13:50-51), apedrejado até quase morte na cidade de Listra (Atos 14:19), açoitado na Macedônia, tendo presas as mãos e pés atados em um tronco (Atos 16:23-24), perseguido pelos judeus em Tessalônica (Atos 17:13-14), sofrido um naufrágio quando foi preso para ser enviado a Roma (Atos 27:13-20); além de muitos outros relatos a história de sua vida finda com a sua decapitação pelo Imperador Nero, em Roma.

Ele foi perseguido por ousar relativizar o que outros achavam absoluto. Na visão de Paulo, somente a pessoa de Jesus e o projeto salvador que “Ele” testemunhava eram absolutos. Assim relativizou a lei, o imperador, os privilégios dos apóstolos, a eleição de Israel (Toledo, 2014).

As cartas escritas por Paulo compõem 13 livros do Novo Testamento. O núcleo de suas mensagens era reforçar o anúncio da morte e ressurreição de Jesus, e ressaltar que o seu chamado para ser apóstolo de Jesus Cristo é sinal essencial da intervenção divina na sua vida. À tarefa de evangelizar os gentios ele se destina por inteiro e busca através das cartas se fazer

presente e ativo junto às congregações iniciadas por ele como missionário itinerante. Escrever era a forma de manter ativa a fé dessas comunidades, pois Paulo não poderia estar nelas todas ao mesmo tempo. Isso tudo para que o evangelho fosse anunciado (Conegero, 2016).

Dentro dessa perspectiva, o apóstolo Paulo traz em suas escritas algo que complementa a ideia trazida séculos depois pelo pastor e psicanalista Oskar Pfister. Paulo cita a palavra *concupiscências*, que se relaciona à sexualidade, desejos que se opõem à instância ordenadora, denominados por Paulo como os ‘desejos da carne’. Pfister associa a *concupiscência* às pulsões reprimidas e afirma que vários indivíduos buscam na religião uma proteção das ameaças das pulsões sexuais e agressivas impõem. Esse sacrifício do prazer é trazido por Paulo como uma renúncia aos desejos carnis para que se alcance a plenitude no relacionamento com Cristo (Wondracek 2002).

De acordo com Wondracek (2002), Paulo optou por renunciar uma vida tranquila, estável e também renunciar suas pulsões, adotando um caráter fanático, ocorrendo assim a sublimação de suas pulsões, vivendo intensamente o Evangelho: “Porque para mim o viver é Cristo, e o morrer é lucro” (Bíblia Sagrada, 1979, Filipenses 1:21); “Assim já não sou eu quem vive, mas Cristo é quem vive em mim. E esta vida que vivo agora, eu a vivo pela fé no filho de Deus, que me amou e se deu a si mesmo por mim.” (Bíblia Sagrada, 1979, Gálatas 2:20).

Dentro desta análise, é possível observar que no fim de sua vida não houve arrependimentos. Mesmo diante de todas as intempéries sofridas por Paulo, ele demonstra em sua fala seu nível de satisfação por sua escolha de vida. Deste modo, através da vida de Paulo, percebe-se a importância e o impacto da espiritualidade na vida humana.

“Fiz o melhor que pude na corrida, cheguei até o fim, conservei a fé” (Bíblia Sagrada, 1979, 2º Timóteo 4:7).

### **Conflitos pulsionais e a vida cristã**

Freud, em “O futuro de uma ilusão”, procura compreender e analisar a carência do ser humano em ter uma crença religiosa, entendendo que a religião é uma ilusão, pois são resultados da realização de desejos humanos, na busca de um pai protetor e onipotente e que também pode ajudar a encerrar a dura realidade de suas limitações. Nesse e em outros cinco ensaios, Freud aborda o tema ligado à cultura e a sociedade. Os outros cinco são: “A moral sexual ‘cultural’ e o nervosismo moderno”, de 1908, “Totem e tabu”, de 1913, “Psicologia das

massas e análise do eu”, de 1921, “O mal-estar na cultura”, de 1930 e “Moisés e o monoteísmo”, de 1939 (Bessa, 2004).

Para Freud (1927/1996), a religião é uma força social de grande relevância, mas também é uma fonte de preconceitos sociais, que geram sofrimento, como a prática sexual antes do casamento e a homossexualidade, que são classificados como pecados, atos que devem ser evitados, assim como o apóstolo Paulo diz na carta escrita aos Gálatas:

Quero dizer a vocês o seguinte: deixem que o Espírito de Deus dirija a vida de vocês e não obedeçam aos desejos da natureza humana. Porque o que a nossa natureza humana quer é contra o que o Espírito quer, e o que o Espírito quer é contra o que a natureza humana quer. Os dois são inimigos, e por isso vocês não podem fazer o que vocês querem. As coisas que a natureza humana produz são bem-conhecidas. Elas são: a imoralidade sexual, a impureza, as ações indecentes, a adoração de ídolos, as feitiçarias, as inimizades, as brigas, as ciúmeiras, os acessos de raiva, a ambição egoísta, a desunião, as divisões, as invejas, as bebedeiras, as farras e outras coisas parecidas com essas. Repito o que já disse: os que fazem essas coisas não receberão o Reino de Deus (Bíblia Sagrada: Nova Tradução da Linguagem de Hoje, 2016, Gálatas 5:16-17,19-21).

Freud (1927/1996) acredita que a função dos deuses é dividida em três partes: proteger contra os temores naturais, oferecer consolo aos seres humanos diante da implacabilidade do destino, especialmente quando se manifesta na morte, e recompensar os indivíduos pelas tribulações e privações que a convivência na sociedade impõe-lhes. Nesse sentido, apóstolo Paulo interpreta que através das renúncias e privações dos desejos da carne, da natureza humana, é possível ter um relacionamento íntimo com Cristo: “As pessoas que pertencem a Cristo Jesus crucificaram a natureza humana delas, junto a todas as paixões e desejos dessa natureza” (Bíblia Sagrada: Nova Tradução da Linguagem de Hoje, 2016, Gálatas 5:24).

A ausência de controle dos acontecimentos inerentes à vida ocasionaram os maiores medos e pavores do homem, fazendo com que eles busquem proteção, favores e um sentimento de amor de um poder superior, Deus, para personificar as forças naturais e também como modo de explicar esses fenômenos que fogem das suas capacidades de entendimento. Diante a todo desamparo, desejo de justiça e incertezas que estão frequentemente presentes no ser humano, o homem busca na religião essa satisfação, em que as injustiças que sofrem em vida na terra serão compensadas pela proposta de uma vida eterna (Oliveira, 2019).

Dalgarrondo (2008) argumenta que a religião deveria ser considerada um elemento fundamental na discussão sobre saúde e transtornos mentais, pois desempenha um papel significativo na formação da subjetividade das pessoas, fornecendo significado ao sofrimento.

Ele destaca que muitas vezes é no momento de medo e insegurança que as pessoas buscam o apoio da religião. Além disso, a religião tem a capacidade de enriquecer a dimensão existencial das pessoas, dando forma e propósito às suas experiências no espaço e no tempo. Dessa forma, as experiências religiosas podem ser uma das saídas de um indivíduo, como tentativa de se desviar dos sintomas, da angústia e do sofrimento, oferecendo uma forma de conforto e consolo. Mediante a essas aflições ocasionadas pelas lutas, e a procura de um alívio, o apóstolo Paulo traz em sua segunda carta escrita aos Corintos:

Três vezes orei ao Senhor, pedindo que ele me tirasse esse sofrimento. Mas ele me respondeu: “A minha graça é tudo o que você precisa, pois o meu poder é mais forte quando você está fraco.” Portanto, eu me sinto muito feliz em me gabar das minhas fraquezas, para que assim a proteção do poder de Cristo esteja comigo. Eu me alegro também com as fraquezas, os insultos, os sofrimentos, as perseguições e as dificuldades pelos quais passo por causa de Cristo. Porque, quando perco toda a minha força, então tenho a força de Cristo em mim. (Bíblia Sagrada: Nova Tradução da Linguagem de Hoje, 2016, 2º Coríntios 12:8-10).

Ao longo da Bíblia, encontramos diversos relatos de figuras que são consideradas homens de Deus, enfrentando intensas batalhas internas, verdadeiras guerras morais entre os desejos humanos e as obrigações espirituais. Essas narrativas incluem episódios notáveis, como o de Abraão, envolvendo a dramática situação da imolação de seu filho Isaac, registrado no livro de Gênesis, e como o apóstolo Paulo que, em sua carta aos Romanos, destaca de forma emblemática como os conceitos do id e superego se manifestam na estrutura psíquica do ego, colocando em confronto vontades opostas e forçando o ego a tomar decisões imediatas: “Dentro de mim eu sei que gosto da lei de Deus. Mas vejo uma lei diferente agindo naquilo que faço, uma lei que luta contra aquela que a minha mente aprova. Ela me torna prisioneiro da lei do pecado que age no meu corpo” (Bíblia Sagrada: Nova Tradução da Linguagem de Hoje, 2016, Romanos 7:22-23).

Dessa forma, percebe-se que a vida do ser humano que se propõe a viver o Evangelho ensinado por Cristo também tem suas complexidades, pois sempre implicará a renúncia de suas pulsões, tratadas por Paulo como desejos desordenados da carne, ou *concupiscências*, que também podem ser sublimadas, mudando-se o objeto das pulsões, tornando-as aceitáveis e voltadas para o social. O objetivo de renunciar e sublimar as pulsões não é apenas para viver de forma mais harmoniosa em sociedade, manifestando-se também na crença que haverá uma recompensa vindoura, a vida eterna, suprimindo momentaneamente o prazer pela realidade. Nós o fazemos em vista de “um prazer seguro, que virá depois” (Monteiro, 2021).

A cerca disso, apóstolo Paulo faz questão de enfatizar, que mesmo todas as renúncias necessárias não nos fazem merecedores da vida eterna, da salvação, pois essa é uma dádiva:

Pois pela graça de Deus vocês são salvos por meio da fé. Isso não vem de vocês, mas é um presente dado por Deus. A salvação não é o resultado dos esforços de vocês; portanto, ninguém pode se orgulhar de tê-la (Bíblia Sagrada: Nova Tradução da Linguagem de Hoje, 2016, Efésios 2:8-9).

Assim como Freud evidencia que o sujeito é um ser dividido e no interior de um conflito inevitável entre as forças pulsionais que fogem de seu controle, o sujeito que decide entregar sua vida a Cristo, também estará propenso a viver um eterno conflito entre as pulsões e o desejo de renunciá-las em prol do Evangelho (Negri, 2017; Oliveira, 2019).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O estudo evidenciou que o indivíduo que decide viver o Evangelho de Cristo passará por conflito de renúncia de suas pulsões e seus desejos para que se alcance a plenitude de um relacionamento com Cristo. Trabalhadas juntas, essas duas perspectivas podem ajudar o ser humano a entender melhor seu interior e sua relação com Deus. Quando o ser humano é capaz de entender seus conflitos internos e sua relação com Deus, ele pode ser mais consciente de suas decisões e ações, o que pode levar a uma vida mais feliz e significativa.

Além disso, a Psicanálise e o Evangelho podem ajudar o ser humano a enfrentar os desafios da vida, como o estresse, a ansiedade e a depressão, de forma mais consciente e equilibrada, aumentando assim a sua qualidade de vida. Enfim, a combinação da Psicanálise e do Evangelho pode ser uma forma poderosa de ajudar o ser humano a encontrar o seu propósito e significado na vida, além de permitir que ele possa lidar melhor com os desafios da vida.

Contudo, torna-se importante novos estudos que contemplem a relação entre as escrituras Bíblicas e as questões psicanalíticas iniciadas anos atrás por Freud e Oskar Pfister, que tenham a finalidade de apresentar as contribuições que ambas as áreas podem oferecer ao ser humano. Ambas as áreas visam a cura de almas e uma forma de aliviar o sofrimento humano ocasionado pelo meio em que se está inserido.

## REFERÊNCIAS

- Bessa, D. B. (2004). A Bíblia nos textos freudianos sobre religião. *Revista Teologia Prática*, 2(4), 15-20.
- Bíblia Sagrada: Nova Tradução da Linguagem de Hoje* (J. Ferreira de Almeida, Trad.). (2016). Sociedade Bíblica do Brasil.
- Bíblia. Português. Bíblia de Estudo Plenitude*. Tradução e adaptação de *Spirit-Filled Life Bible*. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil. 1991. 1744 p.
- Dalgalarrondo, P. (2008). *Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais*. (2ª ed). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Estilo Adoração (2023). *História do Apóstolo Paulo*. Disponível em: <https://estiloadoracao.com/historia-do-apostolopaulo/#Biografia%20Do%20Ap%C3%B3stolo%20Paulo>
- Ferreira, A. B. d. H. (1986). *Dicionário da língua portuguesa*. Nova Fronteira.
- Freud, S. (1974) O instinto e suas vicissitudes. In: Freud, S. *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 14, p. 137-168). Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1915).
- Freud, S. (1976a) O ego e o id. In: Freud, S. *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 19, p. 23-76). Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1923).
- Freud, S. (1976b) Além do princípio do prazer. In: Freud, S. *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 18, p. 17-92). Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1920).
- Freud, S. (1996) Estudos sobre a histeria (1893-1895). In: Freud, S. *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 2). Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1893).
- Freud, S. (1996). O futuro de uma ilusão. *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 21, pp. 15-64). Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1921).
- Freud, S. (1996). Ansiedade e vida instintual, 1932. In: *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise* (Vol.32, pp. 85-112). Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1932).
- Freud, S. (2006). O mal-estar na civilização. In: J. Strachey (Org.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 11, 38-157). Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1933).
- Freud, S. (2013). “Observações sobre um caso de neurose obsessiva (o homem dos ratos)”. In: *Observações sobre um caso de neurose obsessiva (o homem dos ratos), uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos* (1909 – 1910). (P. C. Souza, Trad). São Paulo: Companhia das Letras. (Texto original publicado em 1909).
- Lopes, H. D. (2007) *Filipenses: A alegria triunfante no meio das provas*. São Paulo: Hagnos.
- Monteiro, G. P. (2021). Religião, vida e sociedade: Breve estudo a partir de Bergson e Freud. *Trans/form/ação*, 44(3), 151-176.
- Negri, M. (2017). Teologia lendo Freud: O sujeito em Psicanálise. *Teologia e Espiritualidade*, 4(7), 45-57.

Oliveira, T. A. (2019). Uma reflexão sobre o atual fundamentalismo religioso a partir de Freud. *Psicologia Política*, 19(46), 543-555.

Veliq, F. (2018). Oskar Pfister e a crítica a concepção freudiana de religião. *Revista de Psicologia*, 30(2), 161-165.

Toledo, J. S. (2014) A perseguição, a fraqueza e a cruz nas cartas paulinas iluminando a caminhada da pastoral da juventude. *Fragmentos de cultura*, 24(1), 95-103.

Wondracek, K. H. K. (2002) *O amor e seus destinos: um estudo de Oskar Pfister como contribuição ao diálogo entre teologia e fé cristã*. (Dissertação de Mestrado). Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, RS, Brasil.